



ALFABETIZAÇÃO & INICIAÇÃO GEOGRÁFICA – possibilidades de aprendizagens interdisciplinares

Rosângela Castilho Valenciano¹

Josélia Gomes Neves²

Eixo temático: 7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: O processo de aquisição da língua escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental, constitui um trabalho desafiador para a docência alfabetizadora. Esta situação, dentre outros elementos, exige o desenvolvimento de ações interdisciplinares na prática educativa, com vistas a tornar as experiências de aprendizagem mais significativas para os estudantes. Estes aspectos foram importantes para a sistematização deste texto que apresenta resultados parciais de um estudo em andamento. A finalidade foi analisar as possibilidades dialógicas entre a Pedagogia/Alfabetização e a Geografia no início da escolarização fundamental a partir da prática pedagógica por meio da pesquisa documental. Os resultados apontam que há aproximações entre o campo da alfabetização e dos saberes geográficos expressos na representação de lugar e paisagem produzidos por meio de desenhos com a assinatura referente à autoria. Concluímos que é importante aprofundar esta discussão nas políticas públicas de formação docente, tanto inicial como continuada de modo a assegurar um trabalho interdisciplinar intencional e consistente com vistas a construção de interfaces entre a leitura, escrita e compreensão do espaço geográfico.

Palavras-chaves: Alfabetização; Pedagogia; Geografia; Interdisciplinaridade;

Introdução

A alfabetização é um processo essencial para a formação educacional das crianças, uma vez que é a partir dele que se inicia formalmente a jornada de aprendizagem na vida escolar e no âmbito da cultura escrita. Todavia, o processo de aprendizagem da leitura pode ser um desafio para muitos estudantes, principalmente quando é trabalhado de forma fragmentada e descontextualizada. Nesse contexto, o trabalho interdisciplinar representa uma

¹Mestre em Geografia pela UNIR - Campus José Ribeiro Filho. Graduada em Pedagogia. Professora da rede pública municipal de Ji-Paraná-RO e pesquisadora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). rosangelacastilhovalenciano@gmail.com

² Doutora em Educação Escolar pela UNESP- Campus de Araraquara. Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Contato: joselia.neves@pq.cnpq.br

possibilidade pedagógica importante para desencadear ações didáticas significativas no começo da escolarização.

Diante disso, o presente texto tem o objetivo de analisar as possibilidades dialógicas entre a Pedagogia/Alfabetização e a Geografia no início da escolarização fundamental a partir da prática pedagógica interdisciplinar mediante a adoção da pesquisa documental (GIL, 2008) escolar. Constitui um recorte do estudo em andamento, intitulado: “Dialogias entre Pedagogia/Alfabetização e Geografia: aprendendo a ler, escrever e pensar o mundo”, proposto na Linha de Pesquisa: Alfabetização & Cultura escrita, coletivo vinculado ao Grupo de Pesquisa Educação na Amazônia (GPEA) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Urupá de Ji-Paraná referente ao período de 2023-2024.

A motivação para a referida investigação foi pensada a partir do estudo: “Perspectivas docentes sobre as práticas pedagógicas geográficas nos anos iniciais do ensino fundamental em Ji-Paraná-RO”, produzido no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia (PPGG) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A intenção foi compreender como professoras alfabetizadoras analisam as atividades que desenvolvem no âmbito da Geografia na rede pública municipal de Ji-Paraná-RO. (VALENCIANO, 2021). De certo modo, o texto em tela evidencia a continuidade da dissertação supracitada.

Especificamente para este trabalho, apresentaremos a análise de 3 (três) atividades extraídas de cadernos escolares de crianças de 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de Ji-Paraná, estado de Rondônia. São importantes documentos porque “[...] fornecem [...] testemunhos insubstituíveis a respeito dos exercícios escolares, das práticas pedagógicas e do desempenho dos alunos no contexto da sala de aula”.(CHARTIER, 2007, p.13). Evidenciam possíveis aproximações entre estes dois campos do conhecimento em discussão neste trabalho: a Pedagogia/Alfabetização e a Geografia, com isso disponibilizam elementos importantes para pensar a formação docente.

1. A concepção de Alfabetização Construtivista e a Iniciação Geográfica

A proposta construtivista da alfabetização representa uma possibilidade de compreender e agir no processo de aquisição da linguagem escrita. Este enfoque ficou conhecido no Brasil na década de oitenta, através das obras de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999). Na visão dessas autoras, é preciso questionar as atividades puramente mecânicas pensadas a partir das cartilhas, baseadas em textos artificiais que pouco se relacionam com as práticas sociais de linguagem vivenciadas pelas crianças.

Nesta direção, do ponto de vista construtivista, as crianças são consideradas sujeitos ativos na elaboração de saberes, pois: “[...] a obtenção de conhecimento é um resultado da

própria atividade do sujeito, isto significa que o ponto de partida de toda aprendizagem é o próprio sujeito” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 29). Significa afirmar que elas não aprendem apenas em situações planejadas pelos adultos, mas também observando e interagindo com o mundo ao seu redor. Essa maneira de pensar possibilita que explorem, descubram e sistematizem as informações que lhe são oferecidas no processo de alfabetização.

Assim, o reconhecimento dos saberes das crianças a respeito da língua escrita é fundamental para a docência que atua na alfabetização, na medida em que pode estabelecer pontos de partida entre aquilo que já sabem e as necessidades de aprendizagem, pois concordamos que: “Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. (FREIRE, 1989, p. 8).

Nesta linha, nos aproximamos da compreensão que a atuação da Geografia no início da escolarização, é: “[...] aprender a pensar o espaço tendo como centralidade o lugar vivido. Este conceito traz em si a ideia de totalidade [...] que [vai] desde os fenômenos físicos aos humanos, aos fenômenos sociais e aos culturais”. (DEON; CALLAI, 2020, p. 99). Mas, como a literatura aponta, há um longo caminho a percorrer, uma vez que ainda persiste a mentalidade empirista (WEISZ, 2000), conhecida também como abordagem tradicional nas práticas pedagógicas na alfabetização, aspecto já detectado em outras análises:

[...] reproduz-se no ensino de Geografia nas séries iniciais, o mesmo que se verifica no mundo das primeiras letras. [...]. Na Geografia não é diferente. Verifica-se a ênfase curricular no estabelecimento de correspondência entre conteúdos recorrentes (a família, a escola, o bairro, o município, o relevo, a vegetação, o país) e a constituição de um todo fragmentário a partir da junção progressiva destes elementos isolados, cuja concepção mecânica de mundo impede de alavancar as capacidades cognitivas das crianças para transformarem estes conteúdos em ferramentas de leitura da realidade, no sentido mais amplo de significados. (GUIMARÃES, 1995, p. 53).

Além da mentalidade empirista, as atividades entre estes dois campos de conhecimento são geralmente desenvolvidas de forma compartimentadas em uma visão estanque. Mas, apesar deste contexto, há perspectivas que têm insistido nas possibilidades dialógicas entre a alfabetização e os saberes geográficos de modo interdisciplinar, elas partem do entendimento que: “Ser alfabetizado aprendendo a ler e escrever o mundo da vida pode ser mais significativo para o aluno ao dar os sentidos para além das palavras soltas. [...]. Dar sentido à palavra pode favorecer o aluno a aprender dar sentido para o que vive”. (DEON; CALLAI, 2020, p. 100). Concordamos que as atividades interdisciplinares entre a Alfabetização e a Geografia podem ser viabilizadas em sala de aula como recursos importantes para a atribuição de sentidos aos conteúdos escolares. A contextualização a esse respeito certamente dependerá de consistentes aportes teóricos para que a docência

alfabetizadora possa compreender que: “Cabe, [...] à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente [...]. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar [...]”. (BRASIL, 1997a, p. 26).

2. Entre a Pedagogia/Alfabetização e a Geografia - ensaios interdisciplinares

Como discutimos no tópico anterior, o trabalho pedagógico desenvolvido nos anos iniciais do Ensino Fundamental é caracterizado de forma marcante pela interdisciplinaridade. Conforme os documentos oficiais, este recurso problematiza a fracção excessiva entre os diversos campos do conhecimento, muitas vezes traduzida em “[...] uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu”. (BRASIL, 1997c, p. 31).

Neste texto, a concepção interdisciplinar é compreendida como uma possibilidade de superação do ensino descontextualizado com vistas à uma articulação mais consistente entre os saberes, ação que exige reflexão sistemática sobre o fazer pedagógico, pois: “[...]. Não é suficiente justapor-se os dados parciais fornecidos pela experiência comum para recuperar-se a unidade primeira. Essa unidade é conquistada pela ‘práxis’, através de uma reflexão crítica sobre a experiência inicial. [...]”. (FAZENDA, 1992, p. 45).

Assim, nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, embora haja uma ênfase na alfabetização, inegavelmente este processo de aquisição da língua escrita pode dialogar com as demais áreas do conhecimento, nas quais se incluem os saberes geográficos. Nesta direção, o texto em tela sistematiza um estudo produzido a partir de análise de materiais escolares envolvendo dialogias entre a alfabetização e a Geografia.

Após a concordância docente foram coletadas 10 (dez) atividades extraídas de cadernos escolares de crianças matriculadas em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede municipal de educação de Ji-Paraná. O critério de seleção das atividades nestas turmas levou em conta os seguintes aspectos: atividades não repetidas e com visibilidade satisfatória, que foram realizadas em fevereiro e março de 2023 que evidenciassem o trabalho de Alfabetização e Geografia.

A primeira atividade analisada evidencia uma representação infantil envolvendo as temáticas de lugar e paisagem a partir dos referenciais de casa e escola com a inclusão do nome da criança. Trata-se de um registro do primeiro mês de trabalho em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. Através da utilização do desenho, a criança apresentou uma concepção de paisagem por meio da ilustração entre a casa e a

escola, evidenciando que: “O trabalho de observação da paisagem deve iniciar pelas características que mais tocam cada um. Uma mesma paisagem pode ser comunicada [...] em desenho de forma distinta por cada pessoa que a tente representar”. (BRASIL, 1997b, p. 102). Vale salientar que é comum no período da alfabetização o uso do desenho como veículo comunicador das ideias das crianças.

Figura 1 – Representações de Lugar e escrita do Nome próprio 1



Fonte: Dados do estudo.

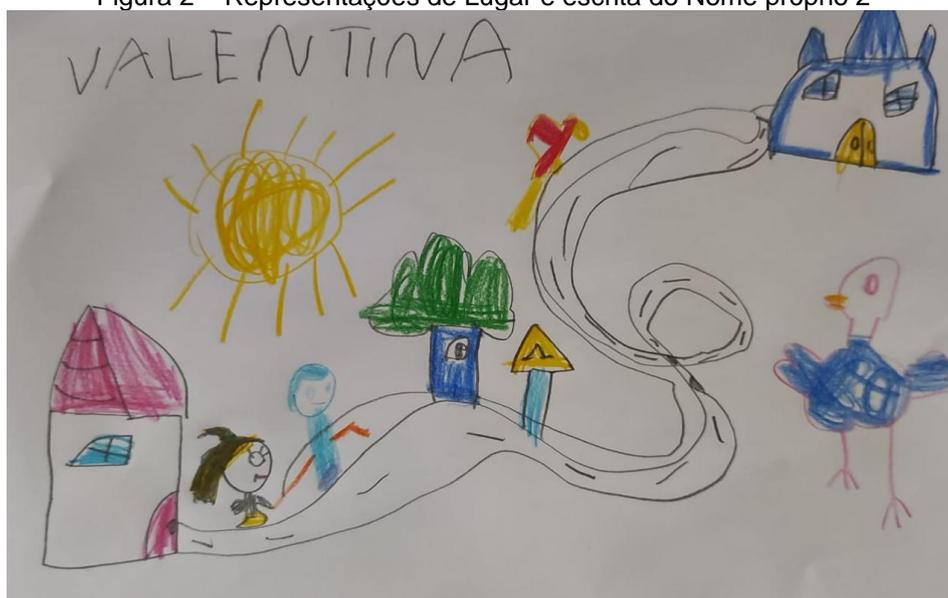
Sobre desenho e escrita na perspectiva da alfabetização construtivista, os estudos sobre os conhecimentos que as crianças dispõem a respeito do que significa ler e escrever evidenciam que “De início, a criança não faz uma diferenciação clara entre o sistema de representação do desenho (pictográfico) e o da escrita (alfabético) [...]”. (WEISZ, 2001, p. 2). No entanto, essa forma de pensar pode ser logo desestabilizada dependendo do convívio escolar ou social da criança com práticas de leitura e escrita. Um aspecto que explicita a dinamicidade existente no processo de alfabetização.

Inferimos que neste caso, possivelmente a criança já aprendeu esta diferenciação, pois seu nome aparece destacado na atividade. Vale salientar que se trata de uma palavra familiar, pois: “Este conhecimento faz parte da vida da criança de classe média desde muito cedo. [...] é sobre esta primeira forma escrita estável que a criança começa a levantar questões sobre as características específicas da palavra escrita”. (WEISZ, 1985, p. 117).

Observamos que a palavra foi escrita integralmente de forma “espelhada”, algo que é perceptível nos cadernos escolares ou livros didáticos no início da aquisição da língua escrita. Nos aproximamos do entendimento que: “Devemos partir do princípio que a língua escrita pode ser considerada como um objeto cultural, repleto de convenções e arbitrariedades que a criança não nasce dominando. Como objeto cultural, a língua deve ser ensinada”. (ZORZI,

2008, p. 11). Na sequência, apresentamos a segunda atividade também produzida no primeiro mês de trabalho de 2023 em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Ji-Paraná-RO. Como a atividade anterior, explicita a compreensão infantil a respeito do tema lugar, mediante a representação de uma paisagem sobre casa e escola com a inserção da autora do desenho. A atividade que foi desenvolvida na mesma turma que a anterior, sugere que há diferenças de percursos de aprendizagem na área da Pedagogia (Alfabetização) e dos saberes Geográficos.

Figura 2 – Representações de Lugar e escrita do Nome próprio 2



Fonte: Dados do estudo.

A ilustração apresenta um quantitativo maior de elementos existentes no trajeto casa/escola, o que permite confirmar que: “As percepções que os indivíduos [...] têm do lugar nos quais se encontram e as relações singulares que com ele estabelecem fazem parte do processo de construção das representações de imagens do mundo e do espaço geográfico”. (BRASIL, 1997b, p. 74-75). E como no desenho anterior, a paisagem é composta também por seres vivos e outras simbologias explicitadas pelo imaginário das crianças.

Em relação a diferença entre desenhar e escrever, observamos que possivelmente esta fronteira já foi estabelecida considerando a grafia do nome da criança conforme a exigência convencional. E semelhante à atividade anterior, o nome de quem produziu o desenho cumpre a função social de identificação de autoria, um importante exercício da cultura escrita, prática pedagógica adotada por outras docências: “Na classe, o nome escrito passou a ter muita utilidade. [...]. Para assinar o desenho era preciso escrevê-lo. Era ele que diferenciava as latinhas de lápis e as pastas de cada um”. (WEISZ, 1985, p. 117).

Posteriormente, a atividade da mesma turma foi ampliada para o estudo da comunidade. Os entrelaçamentos entre Pedagogia e Geografia são perceptíveis nos registros escritos de cada desenho que compõe a ilustração: minha casa, igreja e escola, precedidos pela consigna: “Desenhe sua comunidade”, como as outras palavras, as letras grafadas são identificadas como “bastão” ou de imprensa. Este tipo de grafia é incentivado na proposta construtivista, porque facilita a compreensão das crianças quanto ao formato da letra, onde inicia o traçado e onde ele termina.

Figura 3 – Representações de Lugar – Comunidade



Fonte: Dados do estudo.

Embora não conste informações sobre o modo de realização da atividade, se o registro foi escrito ou copiado, o desejável é que a criança escreva como ela sabe, o que nem sempre corresponde à convencionalidade. Mas, algumas leituras apontam que a cópia pode ser ressignificada no processo de aquisição da linguagem escrita, pois: “Copiar pode ser ótimo se não for mecânico, redutivo e mero exercício de caligrafia” (BRASIL, 1999, p. 97). Nesta ocasião é possível explorar o nome das letras, quantidade de letras de cada palavra, iniciais/finais, dentre outras, caso da discussão da temática cidade: “A nossa proposição do ensino de Geografia para os anos iniciais, é centrar os conteúdos na cidade que é o lugar

onde vivem as crianças, para que seja desenvolvida a leitura do mundo”. (DEON; CALLAI, 2020, p. 100).

A esse respeito, vale salientar que embora haja um consenso referente ao trabalho inicial no campo da Geografia a partir das categorias de lugar e paisagem no começo da escolarização, com ênfase nas vivências infantis, é preciso atenção para não fragmentar estas categorias. Em decorrência disso, algumas abordagens têm defendido o trabalho a partir da temática cidade, por exemplo, tendo em vista as possibilidades de articulação mais efetivas entre o local e o global.

3. Considerações Finais

As aprendizagens envolvendo os saberes da leitura e da escrita em interface com o conhecimento geográfico mobilizaram a sistematização deste trabalho. Sustentamos que é possível e necessário desenvolver ações interdisciplinares nos anos iniciais do Ensino Fundamental como recurso de contextualização do trabalho escolar.

Neste sentido, a análise de materiais da prática pedagógica – um conjunto de atividades extraídas de cadernos escolares de estudantes matriculados na rede pública de Ji-Paraná, estado de Rondônia, examinados por meio da pesquisa documental, foram importantes para compreender que há certo diálogo entre a Pedagogia/Alfabetização e a Geografia.

As evidências se manifestam mediante a representação infantil de lugar e paisagem apresentados através de desenhos com indicação da autoria. Entretanto, não podemos afirmar se houve uma ação interdisciplinar deliberada na articulação espaço geográfico, desenho e nome próprio, já que a fonte do estudo são os documentos, situação que demanda aprofundamentos nesta direção.

Referências

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa. MEC/SEF, Brasília, 1997a.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** geografia. Brasileira: MEC/SEF, 1997b.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997c.

CHARTIER, Anne-Marie. Os cadernos escolares: organizar os saberes, escrevendo-os. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá v. 16, n. 32 p. 13-33 set.-dez. 2007.

DEON, A. R.; CALLAI, H. C. O ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Educ. Anál.**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 79-101, jan./jun., 2020.

FAZENDA, I. C. **A Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia? São Paulo: Loyola, 1992

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GUIMARÃES, Raul Borges. A Geografia e o processo de alfabetização. **Nuances**, v. 1, n. 1, setembro de 1995.

VALENCIANO, Rosângela Castilho. **Perspectivas docentes sobre as práticas pedagógicas geográficas nos anos iniciais do Ensino Fundamental em Ji-Paraná-RO**. 125f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2021.

WEISZ, Telma. Repensando a prática de alfabetização: as ideias de Emilia Ferreiro na sala de aula. **Cadernos de Pesquisa**, n. 52, p. 115-119, fev., 1985.

WEISZ, Telma. **O Diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.

WEISZ, Telma. **Existe vida inteligente no período pré-silábico?** In: BRASIL. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA). Módulo 1. Brasília: MEC/SEF, 2001.

WEISZ, Telma. **Como se aprende a ler e escrever ou prontidão, um problema mal colocado**. In: BRASIL. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA). Módulo 1. Brasília: MEC/SEF, 2001.

ZORZI, Jaime Luiz. As inversões de letras na escrita o "fantasma" do espelhamento. **SOLETRAS online**, n. 15, p. 1-12, 2000.